

ciologia; aponta apenas os problemas sociológicos ligados ao desenvolvimento do protestantismo no Brasil. Mas são sugestões preciosas; o sociólogo desejoso de estudar os mecanismos da adaptação, assimilação e aculturação de imigrantes em nosso meio tem de levar em conta e analisar o papel destas seitas iluministas protestantes.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

INTERNATIONAL JOURNAL OF AMERICAN LINGUISTICS, vol. 19 (1953).
Published by Indiana University, editor C. F. Voegelin.

Esta revista, o mais importante repositório de estudos sobre as línguas indígenas americanas, é publicada pela Universidade de Indiana, sob os auspícios da Sociedade Lingüística da América e da Associação Antropológica Americana e com a cooperação do Comitê de Línguas Nativas Americanas. Fundada em 1917, por Franz Boas — o magnífico homem de ciência que tão admiravelmente impulsionou os estudos de antropologia e lingüística nos Estados Unidos —, publicou-se a princípio em Nova Iorque e agora é editada em Baltimore; de início apareceu com grande irregularidade, mas há dez anos vem sendo editada regularmente, apresentando quatro números por ano. Como é natural a grande maioria dos estudos publicados refere-se a línguas norte-americanas; da América do Sul bem pouco se publicava nesta excelente revista, mas ultimamente têm aparecido vários artigos sobre idiomas desta parte do continente, devidos sobretudo a missionários norte-americanos e a membros do Summer Institute of Linguistics que estão trabalhando no Peru, graças a um acôrdo com o govêrno daquele país. O presente volume encerra seis artigos que interessam à lingüística sul-americana: Diamond Jenness, *Did the Yahgan Indians of Tierra del Fuego speak an Eskimo tongue?* (pp. 128-131); Nancy P. Hickerson, *Ethnolinguistic notes from lexicons of Lokono (Arawak)* (pp. 181-190); Peter W. Fast, *Amvesha (Arawak) Phonemes* (pp. 191-194); Douglas Taylor, *A note on the identification of some Island Carib suffixes* (pp. 195-200); Neill Hawkins e Robert E. Hawkins, *Verb inflections in Waiwai (Carib)* (pp. 201-211); Sylvester Dirks, *Campa (Arawak) Phonemes* (pp. 302-304). De Douglas Taylor há ainda uma *Nota sobre algumas semelhanças lexicais Arawak-Karib* (pp. 316-317).

O artigo do canadense Jenness é uma interessante sugestão sobre possível parentesco entre a língua esquimó e a dos Yahgan ou Yámana da Terra do Fogo, isto é, entre dois idiomas que se situam nos extremos opostos do continente americano. As semelhanças notadas são sobretudo de natureza gramatical, mas também as há de ordem lexical. Julgo interessante transcrever as seguintes considerações de Jenness: "Devo confessar que as correspondências no vocabulário não são de modo algum tão esdrúxulas ou tão numerosas quanto eu esperara, tendo em consideração as marcadas semelhanças na gramática. Entretanto, se o Yahgan tem na verdade um parentesco genético com o Esquimó, como eu suspeito, ou se êle recebeu empréstimos dessa língua, os índios que o falam devem certamente ter perdido todo contacto com seus parentes lingüísticos pelo menos por tanto tempo quanto os Aleutos, isto é, pelo menos por 3000 anos ou talvez mais. E quando consideramos a lonjura da Terra do Fogo e as múltiplas influências de toda natureza a que seus habitantes devem ter-se submetido antes de ter atingido aquela região isolada, não podemos esperar que sua língua conserve muita semelhança externa com outra que é falada em região igualmente remota no outro lado do globo. Eu acho que há bastante semelhança, mesmo no vocabulário, para sustentar a teoria de um parentesco entre o Yahgan e o Esquimó; e espero ver êsse

parentesco confirmado por ulteriores investigações na estrutura da língua Yahgan. Até agora esta tem sido considerada uma família lingüística distinta das demais; por conseguinte, se se confirmar um parentesco com o Esquimó, os etnólogos se defrontarão com um dos mais fascinantes problemas de difusão" (p. 131).

O artigo de Hickerson é constituído por notas de interesse etnológico deduzidas da análise de material lexical colhido pela própria autora de informantes Lokonc (índios aruak da Guiana Inglesa); trata dos termos de parentesco, do sistema de numeração, dos termos de cores e do vocabulário de aculturação (empréstimos do espanhol, do holandês e do inglês). O trabalho de Fast é uma descrição fonêmica do material sonoro da língua Amuesha do Peru oriental, de discutida filiação aruak. O de Taylor consiste na revisão de alguns pontos de artigo anterior (IJAL 18. 150-165), em que apresentara uma análise dos afixos do Karib Insular. O artigo dos irmãos Hawkins é um estudo da morfologia verbal em Waiwai, língua karib da Guiana Inglesa e da região vizinha no Brasil (rios Essequibo e Mapuera); W. Neill Hawkins publicou recentemente, na série de boletins da Universidade de São Paulo, um estudo intitulado *A fonologia da língua Uaiuí* (Bol. 157, Etnogr. e Tupi-guarani 25) e publicará em breve, na série de boletins do Museu Nacional, *A morfologia do substantivo na língua Uaiuí*. O artigo de Dirks é uma apresentação fonêmica do Campa, língua aruak também do Peru oriental (alto Ucaiáli).

De interesse geral é o estudo de Charles F. Hockett sobre núcleos silábicos breves e longos (*Short and long syllable nuclei (with examples from Algonquian, Siouan, and Indo-European)*), no qual são apresentadas algumas regras para a interpretação fonêmica dos núcleos silábicos longos. Ainda neste volume são feitas recensões de quatro trabalhos sobre línguas sul-americanas: *El idioma guaraní e Diccionario guaraní* de A. Guasch (por Paul L. Garvin, pp. 156-159), *Bibliographie des langues Aymará et Kicua*, vol. I, de Paul Rivet e G. de Créqui-Montfort (por Thomas Sebeok, pp. 159-160) e *Semántica y etimología en el Guaraní* de Antonio Tovar (por A. D. Rodrigues, pp. 160-162).

Arion D. Rodrigues

DIONISIO GONZALEZ TORRES: *A língua guarani*. Curso proferido na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 152 folhas mimeografadas. São Paulo, 1952.

O A., antigo Cônsul-geral do Paraguai, em São Paulo, e sincero estudioso da sua língua materna, o guarani, quis, num gesto muito simpático, dar a sua contribuição para o conhecimento do idioma, tal qual se fala atualmente no Paraguai. Preparou para isso, com muito cuidado, a série de aulas que proferiu na Escola de Sociologia desta Capital, constitutivas do volume publicado em 1952, mimeografado. Sem preocupações de erudição e sem cingir-se aos rigorosos métodos da lingüística moderna, procurou o A. dar aos seus ouvintes um esquema geral da língua, ilustrando-o sempre com numerosos exemplos práticos. Estudou assim, após rápidas considerações de ordem geral, as categorias gramaticais do guarani, segundo o modelo clássico: os substantivos, os adjetivos, os pronomes etc., acrescentando ao excelente estudo dos verbos em geral, uma utilíssima "síntese das características e partículas verbais". Como complemento da parte gramatical, encontra-se na obra uma longa série de pequenos estudos sobre Antroponímia, Toponímia, Mitologia e termos de uso geral na conversação. As relações de nomes de animais e plantas, bem organizadas, prestarão, também, ótimo auxílio aos que desejam enriquecer o seu